

‘Livrai-nos do *foot-ball*, amém’: o esporte visto pelo *Lar Catholico*,
em Juiz de Fora – MG (1920-1940)

‘Deliver us from *foot-ball*, Amen’: a view of the sport by the *Lar
Catholico*, in Juiz de Fora – MG (1920-1940)

Verônica Toledo Carvalho *

<https://orcid.org/0000-0002-6472-4505>

Renato Machado Saldanha**

<https://orcid.org/0000-0002-4718-3778>

Rafael Machado Saldanha***

<https://orcid.org/0000-0001-8573-1707>

Resumo

O futebol, embora fosse tomado muitas vezes como símbolo de modernidade, progresso e civilidade, também gerou desconfianças e rejeições. Neste texto, pretendemos lançar luz sobre críticas pouco conhecidas pela história do esporte. Trata-se daquelas publicadas no *Lar Catholico*, semanário da Igreja Católica criado pela Congregação do Verbo Divino em 1919, em Juiz de Fora-MG. Nosso objetivo é resgatar o posicionamento do jornal nas décadas de 1920 e 1930, identificar o eixo de suas críticas ao futebol, e localizá-las no contexto de disputas e tendências que marcaram o período. De forma geral, as críticas ao futebol e a cultura popular presentes no jornal, refletem o medo da elite católica em relação à modernidade secular. O futebol era visto como selvagem, perigoso, uma ameaça moral, capaz de incentivar a profanação do domingo, desviar os jovens de suas virtudes, além de levá-los a comportamentos frívolos. A defesa da fé e dos valores cristãos era para a congregação do verbo divino, uma maneira de resistir ao projeto secular de modernização e continuar exercendo influência nas famílias brasileiras. Por fim, acreditamos que nosso

*Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (UFMG) e pesquisadora de História do Esporte e do Lazer. Integrante do Hísla (UFMG), Lapethi (UFRRJ) e Fúlia (UFMG). E-mail: veronica.usa24@gmail.com

**Doutor pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (UFMG). Professor do Cenro Acadêmico de Vitória do Santo Antão da Universidade Federal de Pernambuco. Integrante do GEFuT (UFMG) e do CoRE (UFPE). E-mail: renatomsaldanha@gmail.com

***Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Professora da disciplina Comunicação em Saúde na Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora - SUPREMA (Juiz de Fora, MG). E-mail: elrafosaldaña@gmail.com

estudo indica a existência de vozes dissonantes e nuances no processo de difusão do futebol pelo interior do país, que não podem ser ignoradas.

Palavras-chave: Futebol; Modernidade; *Lar Catholico*; Juiz de Fora.

Abstract

Although football was often seen as a symbol of modernity, progress, and civility, it also generated suspicions and rejections. In this text, we intend to shed light on little-known criticisms of the history of sport. These are those published in *Lar Catholico*, a Catholic weekly created by the Congregation of the Divine Word in 1919, in Juiz de Fora-MG. Our goal is to rescue the newspaper's position in the 1920s and 1930s, identify the axis of its criticisms of football, and locate them in the context of disputes and trends that marked the period. In general, the criticisms of football and popular culture present in the newspaper reflect the fear of the Catholic elite regarding secular modernity. Football was seen as savage, dangerous, a moral threat capable of encouraging the profanation of Sunday, diverting young people from their virtues, and leading them to frivolous behavior. The defense of the faith and Christian values was, for the Congregation of the Divine Word, a way of resisting the secular project of modernization and continuing to exert influence on Brazilian families. Finally, we believe that our study indicates the existence of dissonant voices and nuances in the process of football diffusion in the interior of the country that cannot be ignored.

Keywords: Football; modernity; *Lar Catholico*; Juiz de Fora

Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais.
(Eduardo Galeano)

Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio. A cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exhibe suas divindades.
(Eduardo Galeano)

O futebol chegou ao Brasil no final do século XIX, e nas duas primeiras décadas do século XX deixou de ser uma prática restrita às classes mais abastadas e se popularizou, tornando-se uma verdadeira febre por aqui. Sobre essa trajetória inicial do futebol no Brasil há diversos bons trabalhos, como

Pereira¹, Santos,² e Souza Neto³. Também não é nenhuma novidade que a mídia cumpriu um papel importante nesse processo, anunciando e repercutindo os jogos, alimentando polêmicas e rivalidades, popularizando o vocabulário, criando competições e premiações (ver, por exemplo: MELO⁴ e SILVA⁵).

Porém, embora fosse tomado muitas vezes como símbolo de modernidade, progresso e civilidade, o futebol também gerou desconfianças e rejeições. O caso mais famoso talvez seja o do escritor Lima Barreto, que enxergava o futebol como uma prática segregadora e fútil, expressão de um projeto de modernidade excludente⁶. Graciliano Ramos foi outro a desprezar o futebol, considerando-o uma moda passageira, mero “fogo de palha”, e apontando, ironicamente, a rasteira como o esporte nacional. Já Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Antônio de Alcântara Machado tiveram uma relação ambígua com o esporte bretão. Em um primeiro momento, prevaleceu o silêncio, talvez pelo esporte bretão não se adequar ao ideário de autenticidade nacional perseguido pelos modernistas. Em seguida, entretanto, o elemento estrangeiro fica em segundo plano, e o futebol – metamorfoseado em prática popular, “brasileiríssima” – passa a ser explorado como síntese entre o local e o universal⁷.

Neste texto, pretendemos lançar luz sobre críticas menos conhecidas e ainda pouco abordadas na história do esporte. Trata-se daquelas publicadas no *Lar Catholico*, semanário da Igreja Católica criado em 1919, em Juiz de Fora-MG. Nosso objetivo é resgatar o posicionamento do jornal nas décadas de 1920 e 1930, identificar o eixo de suas críticas ao futebol, e localizá-las no

¹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

² SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado em História Econômica). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

³ SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. Dissertação (Estudos do Lazer), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

⁴ MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro no século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo B.; MELO, Victor A. (org.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

⁵ SILVA, Marcílio Rodrigues. Futebol Brasileiro, invenção modernista. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; AUGUSTIN, Günther Herwig; SILVA, Silvio Ricardo da (org.). *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015.

⁶ CORREIA, Carlus Augustus J.; SOARES, Antônio Jorge G. Lima Barreto e o futebol: as críticas de um literato ao jogo de bolapê. Rio de Janeiro: *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n. 18, p. 149-171, 2020.

⁷ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Ecos da Semana de arte moderna? A recepção ao futebol em São Paulo e o movimento modernista nas décadas de 1920 e 1930. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; AUGUSTIN, Günther Herwig; SILVA, Silvio Ricardo da (org.). *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015.

contexto de disputas e tendências que marcaram o período. Inspirados nos trabalhos do historiador inglês Edward P. Thompson^{8,9}, procuramos nos aproximar dessa história em uma perspectiva *desde baixo*, valorizando temas do cotidiano popular, bem como fontes e lugares que frequentemente escapam à historiografia oficial, como, por exemplo, o futebol em cidades do interior de Minas Gerais.

Nosso primeiro contato com o jornal *Lar Catholico* aconteceu pela Hemeroteca Digital Brasileira (HDB), acervo online de jornais do país. A utilização de plataformas como a Hemeroteca tem sido um recurso valioso para pesquisadores e historiadores por facilitar o acesso e a exploração dessas fontes. Apesar disso, assim como Brasil e Nascimento¹⁰, reconhecemos que essa ferramenta digital tem suas limitações e desafios, e que é fundamental adotar rigor metodológico durante a leitura, contextualização e interpretação das fontes. Após a leitura de alguns exemplares (que serviam como fonte para outro trabalho), nos chamou a atenção o modo como a popularização de práticas de lazer tidas como “modernas”, especialmente o futebol e o cinema, causavam desconforto aos responsáveis pelo semanário juizforano. Diante disso, e da percepção de que havia uma lacuna de trabalhos sobre estas críticas ao futebol, decidimos aprofundar-nos no assunto.

Devido ao grande volume de exemplares e páginas, optamos por trabalhar com a busca por descritores. Reconhecemos que existem riscos nessa escolha, pois embora seja uma ferramenta facilitadora e útil, algumas ocorrências podem não ser identificadas pelo sistema de buscas, bem como pode prejudicar a percepção do todo. Para minimizar esses riscos, buscamos ler de forma integral algumas edições distribuídas durante todo o recorte temporal, procurando identificar os termos que eram mais utilizados para falar sobre o esporte bretão (chegando aos termos *foot-ball*, *football* e futebol), e melhor compreender o contexto de sua citação. Após esse primeiro movimento, procuramos, a partir do cruzamento das informações do jornal com a bibliografia, refletir sobre como essas menções a esse esporte se relacionam com processos mais amplos que estavam em curso na Igreja Católica e a disputa pela hegemonia religiosa da região.

⁸ THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁹ THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

¹⁰ BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. *História Digital: Reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica*. Rio de Janeiro, Estudos Históricos. v. 33, n. 69, p. 196-219, 2020.

O cenário: Juiz de Fora no início do século XX

“Manchester mineira”, “Farol de Minas”, “Atenas de Minas”, “Barcelona de Minas”, são muitos os apelidos que Juiz de Fora recebeu ao longo de sua história¹¹. Manuel Bandeira, no poema Declaração de amor, a nomeou “Primeiro sorriso de Minas Gerais”. Já na primeira estrofe do hino da cidade lê-se: “Viva a Princesa de Minas, Viva a bela Juiz de Fora! Que caminha na vanguarda Do progresso estrada a fora!”. Nascida de um povoado à beira do Caminho Novo, estrada aberta pelos portugueses para melhor escoar o ouro mineiro, a cidade é marcada por certo hibridismo cultural. A prosperidade da produção cafeeira, e o precoce desenvolvimento industrial, aliados à proximidade com o Rio de Janeiro, favoreceram a uma dinâmica urbana própria, que a colocava no meio do caminho entre as mineiridades barrocas e a vida na então capital federal.

Na passagem do século XIX para o século XX, os ideais de modernidade, higiene e educação, tão em voga no Rio de Janeiro, também se fizeram presentes na cidade¹². Destaca-se a inauguração da Usina Hidrelétrica de Marmelos, em 1889, que permitiu a Juiz de Fora ser a primeira cidade da América Latina com iluminação pública hidrelétrica, a criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (SMCJF) no mesmo ano, bem como diversas melhorias urbanas, como a implementação de bondes movidos a tração animal (1881), telefone (1883), telégrafo (1884) e água a domicílio (1885). Na economia, foram fundadas instituições financeiras, como o Banco Territorial e Mercantil de Minas Gerais (1887) e o Banco de Crédito Real de Minas Gerais (1889), bem como indústrias, como a Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira (1883) e a Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas (1888). No âmbito educacional, destaca-se a fundação de escolas confessionais, como a *Juiz de Fora High School and Seminary*, ligado à Igreja Metodista, criada em 1889 e rebatizada no ano seguinte como Colégio Americano Granbery; a Academia de Comércio, primeiro instituto superior de comércio no Brasil, fundada em 1891 e transformada em escola de educação básica em 1901, quando passou a ser administrada pela congregação católica do Verbo Divino; o colégio Stella Matutina, fundado pela Congregação Servas do Espírito Santo, em 1902; e o Colégio Santa Catarina, fundado em 1909 pelas irmãs da Congregação de Santa Catarina.

¹¹ TOMAZ, Vanderlei. Porque “Manchester Mineira”? Diário Regional Digital. 25 de março de 2017. Disponível em: <<https://diarioregionaldigital.com.br/?p=71370>>. Acesso em: 24 de out. de 2023.

¹² SOARES, Priscila Gonçalves; MORORO, Anderson. Futebol e práticas corporais no final do século XIX e início do XX em Juiz de Fora/ MG. Rio de Janeiro: *Recorde: Revista de História do Esporte*. v.4, p. 1-17, 2011.

No campo dos divertimentos, no início do século XX a cidade contava com teatros, destacando-se o Teatro Juiz de Fora (de 1889), com o primeiro museu de Minas, o Museu Mariano Procópio (1915), e com o Clube Ginástico de Juiz de Fora (1909). Além disso, a cidade pode ter sido palco de uma das primeiras partidas de futebol no país, justamente no Colégio Americano Granbery, em 1893 (um ano antes, portanto, do desembarque de Charles Miller no porto de Santos):

Inaugurou *Foot-ball and Tennis*. O primeiro field Day realizou-se em 24 de junho de 1893, com saltos, corridas, *indianclubs*, *tennis*, *football* entre gregos e troianos. Essa frase está no primeiro livro de Atas do Granbery. O que era aparentemente uma afirmação simples de nosso primeiro reitor, John McPhearson Lander, ganha destaque se lembrarmos que o primeiro jogo de futebol no Brasil foi realizado em 15 de abril de 1895 entre funcionários de empresas inglesas que atuavam em São Paulo. Significaria arriscar dizer que, com base nos documentos históricos preservados até hoje, a primeira partida de futebol no Brasil ocorreu na verdade aqui no Granbery, em 1893 [...] E, se desconsiderarmos o primeiro jogo de futebol, em 1893, ao menos a primeira partida do estado de Minas Gerais é nossa: em 1894, entre dois times de alunos da própria Instituição¹³.

A proximidade com o Rio de Janeiro, o pioneirismo do Granbery, bem como a presença significativa de imigrantes alemães que ali se instalaram desde a construção da estrada União Indústria, em meados do século XIX, favoreceu para que Juiz de Fora tivesse, desde cedo, uma intensa relação com o futebol. Carlos Fernando Cunha Júnior¹⁴ identifica no jornal *O Pharol* diversas matérias que relatam partidas na cidade, na primeira década do século XX, e indicam a crescente popularidade desse esporte. Os relatos de partidas realizadas na cidade¹⁵, a fundação de clubes como o Athletic Club Juiz de Fora (1904), Tupynambás (1911), Tupi (1912) e Sport Club Juiz de Fora (1916), e a realização do primeiro campeonato cidadão de futebol (1918) indicam a consolidação desse esporte na preferência local.

¹³ O GRANBERIENSE. *Granberriense*, Juiz de Fora, ano 76, n.1, abr. 2007.

¹⁴ CUNHA JUNIOR, C. F. F. Práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). Campinas, SP: *Pro-Posições*, v. 22, n. 3, p. 51-65, 2016.

¹⁵ DIAS, Cleber; COUTO, Euclides de Freitas; CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando da; SILVA, Luciano Pereira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Esportes nos sertões das Gerais. In: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina. *História do lazer nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

Nem todos os jornais e instituições, porém, viam com bons olhos esse processo de difusão do futebol pela cidade. Esse parece ser o caso da Congregação do Verbo Divino, editora do jornal *Lar Catholico*. A congregação era formada por padres alemães que se estabeleceram na cidade em 1899, a pedido de Dom Silvério Gomes Pimenta, arcebispo da Diocese de Mariana, com objetivo de levar adiante o processo de romanização e reforma ultramontana, já iniciado na cidade desde os anos 1890.

Por séculos, a Igreja Católica no Brasil foi subordinada ao beneplácito régio, que determinava o Imperador como sua autoridade máxima, com poder de limitar, inclusive, a aplicação de encíclicas e bulas papais em território brasileiro. Praticava-se por aqui, um catolicismo popular, devocional e supersticioso, organizado em associações leigas, por vezes à margem da Igreja Oficial, e caracterizado por rituais e festas que muitas vezes se aproximavam do paganismo, com exageros de bebidas e comidas, cantoria, batuques, bailes e verdadeiros momentos de “carnavalização”. Junto ao enfraquecimento do vínculo entre o trono e o altar, agudizado pela “questão religiosa”¹⁶, em 1872, e principalmente com a Proclamação da República, em 1889 (quando a Igreja Católica perde seu status de religião oficial do Estado), ganhava força dentro da Igreja o movimento de “romanização”, que buscava “re-catolicizar” o país, afirmando a autoridade de Roma sobre a Igreja no Brasil (e sua consequente desvinculação dos poderes locais), e sua subordinação a missões e congregações estrangeiras, enviadas para controlar a doutrina, a fé e a educação do clero e laicato por aqui^{17 18 19}. Já o termo “ultramontanismo”, designa um movimento de reação da Igreja Católica frente às mudanças políticas trazidas no bojo dos processos revolucionários levados a cabo por grupos liberais, principalmente na Europa. O ultramontanismo é compreendido como um

¹⁶Polêmica entre a Igreja e o Império, em virtude da punição imposta pelo bispo D. Pedro Maria de Lacerda ao padre José Luís de Almeida Martins, por esse ter discursado em um evento organizado pela loja Maçônica Grande Oriente do Lavradio, em homenagem ao Visconde de Rio Branco, grão-mestre maçom e Presidente do Conselho de Ministros do Império. O Papa havia condenado a Maçonaria, assim como outras sociedades secretas, e a punição ao padre José Luís Martins teve o apoio do bispo do Pará (D. Macedo Costa) e da diocese de Pernambuco (D. Vital). Confrarias que desejavam manter seus membros maçons, entretanto, apresentaram um “recurso à Coroa”, que foi acatado pelo imperador e resultou na condenação e prisão dos bispos citados (que só foram anistiados posteriormente, em 1875). O episódio estremeceu as relações entre o trono e setores da Igreja no Brasil.

¹⁷OLIVEIRA, Anderson José Machado de. Os bispos e os leigos: reforma católica e irmandades no Rio de Janeiro imperial. Juiz de Fora: *Locus: Revista De História*, 2002.

¹⁸ZULIAN, Rosângela, PEREIRA, Denise. Ponta Grossa: rumo aos pressupostos da romanização. Ponta Grossa: *Revista de História Regional*, vol. 11, n. 2, p. 71-92, inverno, 2006.

¹⁹MARTINS, Karla Denise. “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”: relações entre a Igreja e o Estado no Pará oitocentista. Ponta Grossa: *Revista de História Regional*, v. 13, n. 2, p. 70-103, Inverno, 2008.

catolicismo conservador, propagado pelos papas Gregório XVI (1831-1846), Pio IX (1846-1848), Leão XIII (1878-1903), Pio X (1903-1914) e Pio XI (1922-1939), através de encíclicas papais. Nesse corpo de teses, transparece um saudosismo medieval, que responsabiliza a modernidade secular, que despreza a tutela da Igreja, pela crise de toda a estabilidade, paz e justiça. O ultramontanismo é, portanto, um conjunto de medidas teóricas e práticas que buscavam restabelecer a ortodoxia da liturgia e da doutrina católica, e reforçar a autoridade do Papa sobre a Igreja (o princípio da infalibilidade papal, por exemplo, é estabelecido nesse contexto, após o concílio do Vaticano I, em 1870), e da Igreja sobre o conjunto da sociedade²⁰. Já para Ana Rosa Silva e Thaís Carvalho²¹, a Igreja Católica não se opunha à modernidade, mas procurava pautar a opinião pública por um projeto de modernidade fundamentado na defesa da religião católica como a “única verdade”. O papado era apresentado como o mais formidável inimigo da revolução e sustentáculo do verdadeiro progresso e da verdadeira civilização. Ou seja, ao mesmo tempo que recusava o liberalismo, o iluminismo e as transformações sociais que marcavam o momento, a Igreja reivindicava para si ícones da modernidade, e lançava mão até mesmo de ferramentas “modernas”, como a própria imprensa escrita.

No início da década de 1920, esse processo de reforma ainda ecoava. Mesmo não sendo mais a religião oficial do Estado desde a Proclamação da República, a Igreja Católica ainda buscava manter seus privilégios, influenciando a elite dirigente e impondo suas diretrizes sobre o conjunto da população brasileira. A fundação da revista *A Ordem*, em 1921, e do Centro Dom Vital, no ano seguinte, são marcos importantes da organização da intelectualidade católica, com vias a promover ações políticas, educativas, midiáticas e culturais de combate ao avanço da secularização da vida social. Iniciativas como a construção do Monumento ao Cristo Redentor (inaugurado em 1931), e a consagração do Brasil a Nossa Senhora Aparecida (no mesmo ano) faziam parte das medidas que buscavam reafirmar as “raízes católicas” brasileiras^{22 23 24}.

²⁰ NEVES, Fernando Arthur de Freitas; ANDRADE, Allan Azevedo. Discursos ultramontanos de D. Macedo Costa sobre o papel da mulher na sociedade. Maringá: *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, Ano XIV, n. 41, p. 205-225, set/dez, 2021.

²¹ SILVA, Ana Rosa Clocllet da; CARVALHO, Thaís da Rocha. A cruzada ultramontana contra os erros da modernidade. Maringá: *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, Ano XII, n. 35, p. 09-45, set/dez 2019.

²² LEITE, Edgard. Jackson de Figueiredo e o problema da ordem moral. Maringá: *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, Ano IX, n. 26, p. 31-42, set/dez, 2016.

²³ GODOY, João Miguel Teixeira; MIGUEL, Bruna Aparecida. O Centro Dom Vital nos tempos de Alceu Amoroso Lima (1928-1950). Maringá: *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, Ano X, n. 28, p. 193-218, mai/set, 2017.

²⁴ PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil. São Paulo:

É neste contexto que, em Juiz de Fora, a congregação do Verbo Divino tomou posse da Igreja Matriz de Santo Antônio e do colégio Academia de Comércio, em 1901, transformando-o em um centro importante de educação das elites com bases católicas e conservadoras²⁵. Ainda guiada por esse espírito pedagógico e conservador, criou, em 1919, o jornal *Lar Catholico*. Um periódico ilustrado, semanal, com 4 a 8 páginas, associado à ideia de Boa imprensa²⁶, que visava difundir valores caros aos preceitos católicos, como a defesa da família, da moral e dos bons costumes. A criação da diocese de Juiz de Fora, desmembrada da arquidiocese de Mariana, em 1924, sugere ainda a intenção da Igreja de ampliar sua presença no dia a dia da sociedade juizforana²⁷. Ao criar o jornal, os verbitas seguiram orientações do episcopado brasileiro, defendendo a doutrina da religião católica romanizada, e enfrentando tudo que era visto como inimigo da Igreja, como o comunismo, filmes e livros que fugiam dos padrões católicos e alguns esportes, como boxe e futebol²⁸. A seguir, passamos a analisar mais detalhadamente o jornal e sua postura frente ao futebol.

O futebol no *Lar Catholico*

Já em 1921, encontramos um texto intitulado *Sincera camaradagem*, que conta a história de Herberto.

Herberto sempre dera que fazer a seus pais e irmãos com suas travessuras impossíveis: era um endiabrado, desses de quase por fogo em casa ou de virá-la de pernas para o ar. Sua vida, depois de preparadas as lições (pois era caprichoso nos estudos e sempre obtinha boas notas) era jogar *foot-ball*, brincar de cabra-cega na sala de visitas, no meio dos jarrões de porcelana e estatuetas, armar ciladas aos empregados e muitas e muitas outras <artes>

Tempo Social, Revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, p. 33-49, junho de 2007.

²⁵ PEREIRA, Mabel Salgado. *Romanização e Reforma Católica Ultramontana da Igreja de Juiz de Fora: projeto e limites (1890-1924)*. Dissertação (Mestrado em História), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

²⁶ A *Boa Imprensa*, para a Igreja Católica, era uma forma de veicular notícias, opiniões e afins, de acordo com a doutrina e moral católica, combatendo a *má imprensa*, que, de acordo com as ideias do episcopado brasileiro, deseducava e envenenava o pensamento (Pereira, op. cit, 2002).

²⁷ ALMEIDA, Rosiléa Archanjo de. O primeiro bispado de Juiz de Fora diante aspectos seculares no início do século XX. Balneário Camboriú: Revista Científica Sophia, v. 14, n. 1, 2023.

²⁸ Paradoxalmente, há indícios de que algumas das primeiras iniciativas de introdução desse esporte por aqui teria se dado pelas mãos padres professores em colégios religiosos, como indica José Moraes dos Santos Neto em *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

que os leitorezinhos sabem muito bem para estar eu aqui a especificar como si fossem termos técnicos. Pois bem, uma bela tarde de maio, ao jogar seu querido *foot-ball*, quebrou Herberto a perna esquerda quando em uma defesa do *goal* de seu partido²⁹.

Após caracterizar o jovem Herberto como endiabrado e rebelde, a narrativa segue para um momento de maior seriedade, descrevendo o acidente sofrido pelo menino durante uma partida de futebol. O trecho é concluído com uma lição de catecismo, na qual o vigário evoca o mandamento de que “a abstenção de tudo que é trabalho servil é coisa principal da ordem de Deus; que a profanação do domingo é um grave pecado e que devemos santificar o dia do Senhor ao menos pela audição de missa”³⁰.

O conto destacado nos indica uma característica importante do jornal e sugere o primeiro eixo de suas críticas ao futebol. Primeiramente, permite identificar a quem ele se dirige. Contos como o do menino Herberto, sempre concluídos com um ensinamento moral, segundo a doutrina católica, são comuns nas páginas do *Lar Catholico*. A temática das histórias demonstra a preocupação do periódico com temas familiares, principalmente com a orientação da educação dos jovens e crianças segundo os preceitos cristãos. As mulheres, por seu papel central em uma configuração tradicional de família católica, como esposas, mães ou avós, se tornavam o público-alvo prioritário do jornal. Lucena³¹ afirma que as mulheres eram vistas pela Igreja como suas maiores aliadas, por serem mentoras da educação religiosa das crianças. Neves e Andrade³² também identificam esse como o principal papel da mulher na sociedade, segundo o discurso católico ultramontano.

A mãe era responsável pela educação religiosa dos seus filhos, explicando os dogmas, ensinando as orações e a moral cristã. A campanha ultramontana buscava de toda forma valorizar o papel materno para reconduzir os fiéis à Igreja, atribuindo à mãe cristã o papel de exemplo, sentinela, educadora, quando necessário, repreendendo os seus filhos para não cederem diante

²⁹ SINCERA CAMARADAGEM. *Lar Catholico*, Juiz de Fora, n.26, 1921, p.8

³⁰ SINCERA CAMARADAGEM. *Lar Catholico*, Juiz de Fora, n.26, 1921, p.8

³¹ LUCENA, Lili Paola. “*Nenhum Lar sem o Lar Católico!*”: *Discursos e vivências sobre gênero, família e sexualidade no jornal Lar Católico (1954- 1986)*. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

³² NEVES, Fernando Arthur de Freitas; ANDRADE, Allan Azevedo. Discursos ultramontanos de D. Macedo Costa sobre o papel da mulher na sociedade. Maringá: *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, Ano XIV, n. 41, p. 205-225, set/dez, 2021.

das tentações da sociedade moderna, enquanto auxilia o marido em tudo quanto mais for necessário (p. 220).

Também é possível encontrar no conto de Herberto a indicação de uma das motivações do combate do jornal ao futebol: o esporte favoreceria a profanação do domingo. Tal crítica reaparece em outros momentos nas páginas do *Lar Catholico*.

O domingo pode ser e é muitas vezes o dia do demônio. Parece um paradoxo afirmar isto, quando não é senão a expressão da verdade. O dia que devia ser para o cristão um exercício de virtude, tornou-se instrumento de muitos e grandes pecados. Cristãos há, e não são esses em pequeno número que se esquecem dos seus deveres mais sagrados. Não vão à missa aos domingos, não ouvem a palavra de Deus. O domingo para muitos é o dia reservado aos divertimentos; As igrejas estão vazias, tanto mais se enchem os cinemas, os circos, os teatros. A missa não vai, porque organizaram um *pic-nic*, combinaram uma caça, um jogo de *foot-ball*. (...) A profanação do domingo é um crime, que provoca extraordinariamente o castigo de Deus. (...) A justiça de Deus não tardará e seus flagelos seguem ininterruptamente como sejam: doenças nas plantas, nos animais, revoluções, epidemias, guerra, etc³³.

No texto, intitulado Evangelho, publicado pelo *Lar Catholico* em 1926, podemos observar a preocupação com a profanação do domingo. O autor chega até mesmo a afirmar que a não observância do descanso sagrado nesse dia, causaria *doenças nas plantas e nos animais, revoluções, epidemias e guerras*. Esse tipo de argumentação procura convencer o fiel a modificar seu comportamento, por meio do medo da punição divina. No trecho, as práticas de lazer e diversão, como por exemplo, o famigerado futebol de domingo, são práticas desviantes dos valores cristãos.

A aurora dos anos 1920 foi marcada por grande agitação operária na cidade. O aumento do custo de vida (principalmente o custo de aluguel e alimentação) degradou ainda mais as já precárias condições de sobrevivência do operariado local³⁴. Apoiados por organizações como a Sociedade Beneficente Operária de Juiz de Fora, fundada em 1918 e transformada em seguida em Federação Operária Mineira, os trabalhadores e trabalhadoras da cidade

³³ EVANGELHO. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n.37, 1926, p.290.

³⁴ OLIVEIRA, Luís Eduardo de. *Os trabalhadores e a cidade: a formação do proletariado de Juiz de Fora e suas lutas por direitos (1877-1920)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

protagonizaram grandes mobilizações, como duas grandes greves, em 1920 e 1924. Na pauta dessas mobilizações, além da reivindicação de aumentos salariais ou da criação de feiras livres (que permitiria à população comprar alimentos mais baratos), estava a luta pela limitação de 8 horas para a jornada laboral diária, bem como pelo direito ao descanso dominical³⁵. A Igreja se mostrava preocupada com os movimentos sociais e políticos, com a conquista do tempo livre do trabalho e com a crescente diversificação da oferta de divertimentos.

Acaba de se realizar no Rio de Janeiro um movimento de opinião e sentimento em torno do descanso semanal ou, mais propriamente, do descanso dominical. Não sei que resultados trará esse movimento, mas uma coisa desde já deve ser posta em evidência: a de que a luta pela vida, e a preocupação pelo ganho e a sofreguidão pelos prazeres, deixam o corpo em petição de miséria. Porque o descanso a que me refiro, não é apenas o descanso do corpo, é também o descanso do espírito. Passar um domingo em regabofes, teatros, jogo de *foot-ball*, cinema à noite, etc. etc., poderá tudo isso ser o que os senhores muito bem o que quiserem, mas descanso que não é, nem aqui, nem na China³⁶.

O domingo, considerado dia de descanso e reflexão, segundo os preceitos católicos, se via cada vez mais ameaçado por uma variedade crescente de divertimentos e distrações, típicos da vida urbana, que se mostravam mais atraentes que a missa e afastavam os fiéis da estrita doutrina religiosa. O *Lar Catholico* não poupou esforços, porém, para alertar sobre os perigos que estariam subjacentes a essa modernidade.

O *foot-ball* exigiu mais uma vítima. O filho do ex-prefeito D. Carlos Sampaio, moço de 20 anos, morreu em consequência de um choque fortíssimo da bola na região dos rins³⁷.

Mais uma vez, a estratégia utilizada é a de promover o medo. Ao abordar a morte do jovem, filho de um ex-prefeito do Rio de Janeiro, o editorial sugere que essa tragédia seria supostamente apenas *mais uma* causada pelo futebol. Mesmo quando não levava à morte, a prática do futebol poderia levar a graves consequências:

³⁵ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Apontamentos sobre uma experiência de luta operária na Zona da Mata de Minas Gerais. São Paulo: *Revista Brasileira de História*. v. 5, n. 10, p. 54-98, mar/ago de 1985.

³⁶ OUTROS ESTADOS. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n.37, 1926, p.290.

³⁷ OUTROS ESTADOS. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, 1923, p. 7.

- Seu vigário!
- Que deseja, D. Fifina?
- Trago-lhe aqui o meu Chiquinho, que me dá cabo da existência...
- Como assim?
- Briga, rouba, parece que tem o diabo no corpo.
- (...)
- E o que faz o rapaz aos domingos?
- Como, aos domingos?
- Não o manda assistir a missa?
- Mando, mas ele não vai, não quer.
- Ah! Ele não quer? E a senhora obedece? E ao catecismo, não o manda?
- Na hora do catecismo, o meu Chiquinho vai à *matinée*, ou ao *foot-ball*. Meu marido é muito amigo do esporte e quer ver os filhos educados á americana.
- Ah! Educados á americana? Assim como o Chiquinho, não é, D. Fifina?
- (...)
- E que conselho me dá, seu vigário?
- Meu conselho é um só, D. Fifina: vá reservar para seu idolatrado filhinho um lugar na casa de correção.
- Casa de correção?
- Ou então na cadeia; também serve.
- Na cadeia?
- Sim, Sra. Porque, mais dia, menos dia, o Chiquinho, o Chico, Chicão, há de vir parar nesse recinto, se a Sra. e seu marido continuarem com essa educação sem educação. O filho mandará os pais ao cemitério e os pais mandarão o filho para detrás das grades. Onde não há religião, não há consciência; onde falta a moralidade, falta o respeito, falta à ordem, falta à disciplina – temos o inferno em vida, compreendeu, D. Fifina?³⁸.

Nesse caso, a disputa entre a Academia de Comércio e o Colégio Americano Granbery (ligado à Igreja Metodista) pela direção da educação da elite juizforana se faz evidente. As críticas diretas do jornal à “educação à americana”, liberal e esportivizada do seu concorrente pretendem associá-la a uma vida desregrada, onde falta ordem, disciplina e respeito à hierarquia. Outro texto alertava para as consequências de uma educação não-religiosa, narrando a história de uma família que optou por matricular seu filho em uma escola que não exigia do aluno o catecismo.

³⁸ AH!... *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n.43, 1933, p.340-341

Na escola sem deus o fedelho engoliu e assimilou leitura, escrita, aritmética, gramática, e todas as noites recitava as lições perante os pais. (...)

Além destes conhecimentos profundos, o rapazinho adquiriu muitas artes, nas idas e vindas para a escola e a casa. Ficou perito em dar pontapés numa bola de couro representada por uma laranja, num campo de *foot-ball* representado por uma calçada. De ver os cartazes dos cinemas, alojou na memória o nome das “stars” na moda. Assimilou da língua inglesa o suficiente para falar em *goals*, *shoots*, em *offside*, em *back* e outras expressões sublimes. Decorou a sequencia dos vinte e cinco bichos do jogo e não deixava de fazer sua fé num animalejo, graças a um tostão roubado em casa. Não raro fazia gazeta, errando pelos subúrbios em companhia de garotos malandros como ele, á cata de pirraças divertidas. Aos doze anos, o aluno mostrava-se adiantado em muitas coisas, menos no amor de Deus (...)

Estão vendo o encadeamento? O menino dispensado da moral divina ia fazendo pouco da moral humana, porque esta não tem base, quando a separam da lei celeste. A sensualidade começou, o roubo veio ao depois, e o desacato aos pais serviu de remate! (...)

Meu Deus - exclamou a mãe, que vos fizemos para termos um filho tão desalmado?

Que fizeste a Deus, minha senhora? Essa é boa! Educastes - se isso pode chamar-se educar - educastes o filho fora do cristianismo. O menino principiou pagão, estudou numa escola pagã, adolesceu pagão e agora trata aos pais de um modo pagão. Quem semeia ventos colhe tempestades. Assim o quisestes, minha senhora, assim o tivestes. A pessoa que não é governada até aos doze anos, viverá desgovernada até morrer³⁹.

Aqui vale destacar um pouco do contexto educacional da época. Ganhavam força no cenário nacional novas ideias pedagógicas, que seriam sintetizadas em 1932, no Manifesto dos Pioneiros da Educação. Entre outras questões, Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Fernando de Azevedo e os demais intelectuais que assinaram o documento defendiam a escola estatal, obrigatória, gratuita e laica. A Igreja Católica foi ferrenha opositora das ideias do Manifesto, afirmando que a escola laica seria deseducadora. Sem religião

³⁹ ESCOLHERÁ MAIS TARDE. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n.50, 1938, p.398.

não haveria educação moral^{40 41}. Em 1931, é publicado pela Editora Frères Theodore Dumont – FTD (propriedade dos Irmãos Maristas), o Manual Didático de Literaturas Estrangeiras, uma obra coletiva que fornecia a avaliação da igreja sobre escritores, poetas, filósofos e historiadores estrangeiros, caracterizando-os muitas vezes como depravados, pervertidos, boêmios, desviados, entre outros adjetivos nada afáveis⁴². Na ótica da Igreja, neutralidade religiosa, laicismo e pluralismo de crenças eram o mesmo que indiferentismo religioso ou, pior, anticristianismo. O futebol era associado a esse modelo de educação moderna, “à americana”, “sem Deus”, e sem autoridade que ganhava força:

Um livre pensador, arrotando grandezas, dizia possuir um filho que, apesar de não estar batizado, era forte e robusto, jogava maravilhosamente *foot-ball*, tirava excelentes notas na escola. Observou um sisudo: “Eu lá em casa possuo um galo que toma conta perfeitamente do terreiro, briga muito com outro galo, canta muitas vezes por dia e, contudo também não está batizado!...”⁴³.

Além de contribuir para a profanação do domingo, o futebol seria então relacionado a um estilo de vida “moderno”, tido como desregrado e sem moral, que não se norteava mais pelos valores e códigos tradicionais. “Quem quiser brilhar nossa sociedade, não se suje no pó da biblioteca nem se peje com a honestidade: enfeite-se, mundalize-se a pena e a linguagem, e decore uns termos de *foot-ball*”⁴⁴. Para o *Lar Catholico*, o esporte seria um símbolo de uma vida fácil e vulgar.

Já em outro conto, publicado em 1928, avó e neta conversam sobre as diferenças entre seus tempos. A avó reprova as moças de então por não possuírem virtudes domésticas, por vestirem roupas curtas, e se interessarem mais por cinema do que por rapazes. A isso, a neta retruca “E eles? Olha quem fala! Quase todos são uns inúteis, neurastênicos, só pensam em morfina e

⁴⁰ Entre as três “agências educativas”, a família, a Igreja e o Estado, a prioridade deveria, segundo o argumento dos católicos, recair sobre as duas primeiras, consideradas “naturais”. A laicidade e o monopólio estatal do ensino atentariam, assim, contra a ordem natural e divina. Da mesma forma, a igreja se opôs à obrigatoriedade do ensino, afirmando que a massa dos analfabetos conservava as mais puras virtudes da alma brasileira, e taxou de “marxista” a proposta de gratuidade do ensino (SAVIANI, 2013).

⁴¹ SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013

⁴² SOARES, Maria Lucia de Amorim; NOGUEIRA, Eliete Jussara; GOMES, Luiz Fernando; PETARNELLA, Leandro. Manifesto dos Pioneiros versus Manual Didático de Literaturas estrangeiras: Igreja Católica frente à Revolução escolanovista. Campinas: *Revista HISTEDBR On-Line*, n. 42, p. 133-142, jun/2011.

⁴³ SEMENTES. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n.44, 1934, p.346

⁴⁴ PINGOS. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n.37, 1926, p.290.

em *cabarets*, ou então não passam de uns selvagens com o *foot-ball* e outros jogos assim”⁴⁵. Mais do que atestar a popularidade do futebol entre os jovens, o trecho classifica a prática do esporte como “selvagem”, portanto incompatível com a civildade que se esperava dos jovens bem-educados da elite de Juiz de Fora.

O modernismo, às vezes, é bem estúpido, bem grosseiro e sem alma. Desde que esta onda de materialismo invade o mundo, o senso cristão da vida vai desaparecendo aos poucos. É triste o facto, mas é uma realidade, infelizmente. O cidadão moderno do século do Rádio e do Zepellin, não conhece a delicadeza de sentimento, esta fina sensibilidade que só as almas enobrecidas pela graça possuem. O ideal hoje é ter muque, dar coices, e como diz a gíria, bancar o atleta.

O negro americano campeão de Box é dos maiores ídolos de muita gente.

O cinema *yankee*, o *foot-ball*, *Box* e o *Far-West*, estragaram o bom gosto de nossos rapazes e meninas⁴⁶.

Este trecho apresenta uma crítica ao modernismo, sugerindo que ele contribui para a perda do senso cristão da vida. O autor critica a cultura popular americana, representada aqui pelo cinema, boxe e futebol, que segundo ele, está corrompendo os jovens, a sensibilidade e o senso cristão da vida.

O futebol, que ganhou suas formas modernas nas escolas de elite inglesa, como prática pedagógica que buscava formar o jovem de acordo com os valores exigidos para a defesa dos interesses imperialistas britânicos, seria, segundo o *Lar Catholico*, prática perigosa, embrutecedora e frívola, que desviava os jovens daquilo que realmente era importante para sua formação.

Vês aquela figurinha esgalgada, que ali vai, perninhas fugais como varetas de cegonha, mal tocando o chão da avenida com os pés ligeiros e nervosos? Vês? Repara... repara em quão minguaado é o pano que a veste... é a Lili Palhares, o tipo melindrosa: débil, frívola, ignorante. Nela só uma coisa se salva: a inconsciência da própria condição. (...)

E essa frivolidade deu-lhe também a educação. Lili é incapaz de armar um silogismo e põe se de mãos geladas nos torneios de *foot-ball*. Entre Dickens e Chateaubriand ela prefere Ramon Navarro. Desconhece a vida de Zélia, e nunca desconfiou de

⁴⁵ HONTEM E HOJE. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n.41, 1928, p.326.

⁴⁶ PREGANDO. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n.47, 1937, p.320.

Mme. Curie; mas imita, em celulóide, o que é em marfim uma lambisgoia qualquer dessa calamidade universal, que se chama cinema norte-americano. (...)

Lili vai à praia com o corpo descoberto na mais impudica semi-nudez, e tem para com os rapazes de suas relações, uma certa largueza de consentimentos, uma perigosa generosidade de preconceitos, o que dá, quase sempre, o último desabamento ao pudor natural. Suas amizades mais chegadas são esses almo-fadinhas tenros como alfaces, cujo cérebro só se distingue de uma cenoura pela incomestibilidade...

Nessa ambiência de densa opacidade mental em que se cuidam as costeletas, se vestem pantalonas a “príncipe” e se põem olhos em alvo com coisas de *foot-ball* – se consolida e estratifica a ignorância de Lili⁴⁷.

De acordo com aqueles que publicavam o *Lar Catholico*, as mulheres católicas deveriam concentrar sua atenção nas relações intrafamiliares, limitando-se ao espaço privado e ao cuidado de filhos e marido. Nessa perspectiva, Lili Palhares, a personagem do conto acima, sintetiza vários comportamentos que causavam horror à Igreja Católica naquele momento. Frequentava a praia com trajes de banho, tinha amizade com rapazes, gostava de moda e cinema, e ficava nervosa, de *mãos geladas*, na torcida em uma partida de futebol. Rompendo com o padrão de moça bela, recatada, e dedicada exclusivamente ao cuidado familiar e afazeres domésticos, Lili era uma *Mulher moderna*, que desafiava os valores conservadores. O futebol, junto com outros divertimentos, transformava o dia a dia da cidade, despertava na juventude novos interesses e hábitos. O jornal, que vale lembrar, tinha como público-alvo preferencial as mulheres, via nesse comportamento uma séria ameaça à ordem que desejava manter, algo que precisava ser combatido.

À guisa de conclusão

No período em que o jornal *Lar Catholico* publicava suas críticas ao futebol, em Juiz de Fora, o pequeno Karol Józef Wojtyła se arriscava como goleiro, em partidas na longínqua Polônia. Já na Argentina, nascia Jorge Mario Bergoglio, que logo se transformaria em um famoso e apaixonado torcedor do San Lorenzo de Almagro. Demoraria ainda algumas décadas até que os dois meninos se transformassem em Papa João Paulo II e Papa Francisco e que a Igreja Católica modificasse sua visão sobre o futebol.

⁴⁷ LILI PALHARES. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n.35, 1929, p.278.

No início do século XX, Juiz de Fora se destacava como o mais importante polo industrial de Minas Gerais. O dinamismo de sua economia, bem como a proximidade com a capital da jovem República, favorecia a circulação de ideias e práticas. Cuidar da educação dos jovens e crianças, seja pela escolarização formal, oferecida pelo Colégio Academia de Comércio, seja difundindo suas ideias pelo jornal *Lar Catholico*, fazia parte da estratégia da Congregação do Verbo Divino, ligada à Igreja Católica, para manter sua influência sobre a elite local.

Entre os anos 1920 e 1930, período analisado neste estudo, o futebol é citado no semanário católico diversas vezes, como o símbolo de um estilo de vida *moderno*, que contrariava os valores da Igreja. O esporte bretão rompia com o sagrado descanso dominical, profanando o dia santo e desviando os jovens da missa. Além disso, estaria associado a uma educação pagã, que levaria à vida desregrada, embrutecida e frívola, incompatível com os padrões de ordem, moral e civilidade preconizados pela Igreja.

Resgatar os textos do *Lar Catholico* nos ajuda a compreender melhor como se deu a difusão do futebol pelo interior do território brasileiro. Ao analisarmos esses trechos, podemos obter pistas da popularidade desse esporte entre os jovens da cidade na década de 1920. Ao mesmo tempo, nos dá indícios que tal prática não era bem aceita por parte da elite do País, que a considerava incompatível com seus valores e crenças. Da mesma forma, é comum na historiografia sobre o futebol no Brasil que o papel da mídia seja destacado, como um importante agente impulsionador da prática. Ainda que não seja suficiente para invalidar essa tese geral, nosso estudo indica a existência de nuances e de vozes dissonantes, que não podem ser ignoradas.

Referências

CORREIA, Carlus Augustus J.; SOARES, Antônio Jorge G. Lima Barreto e o futebol: as críticas de um literato ao jogo de bolapé. Rio de Janeiro: *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n. 18, p. 149-171, 2020.

CUNHA JUNIOR, C. F. F. *Práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915)*. Campinas, SP: Pro-Posições, v. 22, n. 3, p. 51-65, 2016.

DIAS, Cleber; COUTO, Euclides de Freitas; CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando da; SILVA, Luciano Pereira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Esportes nos sertões das Gerais. In: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina. *História do lazer nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Apontamentos sobre uma experiência de luta operária na Zona da Mata de Minas Gerais. São Paulo: *Revista Brasileira de História*. v. 5, n. 10, p. 54-98, mar/ago de 1985.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Ecos da Semana de arte moderna? A recepção ao futebol em São Paulo e o movimento modernista nas décadas de 1920 e 1930. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; AUGUSTIN, Günther Herwig; SILVA, Silvio Ricardo da (org.). *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015.

LUCENA, Lili Paola. “Nenhum Lar sem o Lar Católico!”: Discursos e vivências sobre gênero, família e sexualidade no jornal *Lar Católico* (1954- 1986). Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

MARTINS, Karla Denise. “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”: relações entre a Igreja e o Estado no Pará oitocentista. Ponta Grossa: *Revista de História Regional*, v. 13, n. 2, p. 70-103, Inverno, 2008.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro no século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo B.; MELO, Victor A. (org.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

NEVES, Fernando Arthur de Freitas; ANDRADE, Allan Azevedo. Discursos ultramontanos de D. Macedo Costa sobre o papel da mulher na sociedade. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, Ano XIV, n. 41, p. 205-225, set/dez, 2021.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. Os bispos e os leigos: reforma católica e irmandades no Rio de Janeiro imperial. Juiz de Fora: *Locus: Revista De História*, 2002.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PEREIRA, Mabel Salgado. Romanização e Reforma Católica Ultramontana da Igreja de Juiz de Fora: projeto e limites (1890-1924). Dissertação (Mestrado em História), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). Tese (Doutorado em História Econômica). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

SILVA, Ana Rosa Cloquet da; CARVALHO, Thais da Rocha. A cruzada ultramontana contra os erros da modernidade. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, Ano XII, n. 35, p. 09-45, set/dez 2019.

SILVA, Marcílio Rodrigues. Futebol Brasileiro, invenção modernista. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; AUGUSTIN, Günther Herwig; SILVA, Silvio Ricardo da (org.). *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015.

SOARES, Maria Lucia de Amorim; NOGUEIRA, Eliete Jussara; GOMES, Luiz Fernando; PETARNELLA, Leandro. Manifesto dos Pioneiros versus Manual Didático de Literaturas estrangeiras: Igreja Católica frente à Revolução escolanovista. Campinas: *Revista HISTEDBR On-Line*, n. 42, p. 133-142, jun/2011.

SOARES, Priscila Gonçalves; MORORO, Anderson. Futebol e práticas corporais no final do século XIX e início do XX em Juiz de Fora/ MG. Rio de Janeiro: *Recorde: Revista de História do Esporte*. v.4, p. 1-17, 2011.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). Dissertação (Estudos do Lazer), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ZULIAN, Rosângela, PEREIRA, Denise. Ponta Grossa: rumo aos pressupostos da romanização. Ponta Grossa: *Revista de História Regional*, vol. 11, n. 2, p. 71-92, inverno, 2006.

Artigo recebido para publicação em 02/05/2023

Artigo aprovado para publicação em 15/12/2023